

# Opinião

A bomba explodiu por dentro da incredulidade. E mesmo distantes, somos atingidos por esta dor, rasgando o peito. A bomba dilacora o corpo de um País de consciência.

A carta armadilhada, que na terça-feira deflagrou no coração da cidade, é mais do que uma armadilha mortal. É uma mensagem de alguém que abandonou a fachada do escrúpulo, de alguém que não teme mais do que a morte como letra e voz.

Que nos fique o aviso escrito em letras de sangue: o inimigo, que temos, está tão próximo como o impensado gesto de abrir uma encomenda.

E nos dias aparentemente retinidos, toleramos a convulsão daqueles que, sem qualquer hesitação, nos assassinaam.

A insistência em chamar os revolucionários para a obrigação permanente da revolução não é nunca demasiada. Não teremos tão cedo o repouso da trégua. A luta será ainda um dever das gerações vindouras da nossa Pátria.

Um regime de quatro milhões, oprimindo 22 milhões, tem desesperadamente a consciência da sua agonia. A violência orminosa de que faz uso é um sinal de fraqueza. Assim devemos reter a tentativa de intimidação como lição de vigilância.

Preparemo-nos para enfrentar esse ser enfraquecido pela sua própria doença e que se quer forte simplesmente, porque usa a morte como cortão de apresentação.

Como zona primeira da liberdade deste Continente, sabemos assumir esta fronteira de dois mundos separados pela distância que vai dos homens livres às bestas do nazi-fascismo.

Por mais sofisticadas que sejam, as bombas do racismo não matarão este território heroico que nasceu para preservar a liberdade.

M. C.

N. 19/5/52